

[dossier]



## Apresentação: Sentido(s) da moda

### *Fashion sense(s)*

Ana Cláudia de Oliveira<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6528-8143>

#### **Com que roupa?**

Noel Rosa

[...] *E eu pergunto: com que roupa?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?  
Com que roupa que eu vou  
Pro samba que você me convidou?*

O refrão que embala uma das mais famosas canções brasileiras que atravessa a nossa cultura desde a sua gravação, em 1930, apresenta uma questão que é formulada todos os dias pelos viventes de não importa qual lugar e em qual contexto socioeconômico-cultural eles se encontram; a pergunta que se fazem é: “Com que roupa que eu vou?”

Revirando cabides e gavetas, olhando ou não as possibilidades refletidas no espelho, você, eu mesma, enfim, cada um de nós, leitores, nos indagamos: como se fazer presente no mundo? Os nossos arranjos, *looks* na contemporaneidade, vão se compondo antes mesmo de nos arrumarmos para nós mesmos, para o outro, para o mundo, e vamos nos construindo em função do modo como queremos, ou devemos, ou podemos, ou sabemos estar e nos projetar no social. Apesar de parecer uma questão bastante superficial para muitos – como a explicaria a célebre personagem Miranda Priestly (interpretada por Meryl Streep) em *O diabo veste Prada*, de 2003 –, ela assume uma profundidade enorme na medida em que a roupa que veste o corpo faz ser o sujeito, dada a imbricação de *linguagens* que o ato evoca. À roupa ainda se somam os adereços e acessórios, o cabelo e a maquiagem – elementos que envolvem a construção da aparência, da subjetividade, da identidade. Essas práticas nos colocam diante de uma semiótica existencial que, por sua vez, permite dar conta, pelos arranjos do corpo e da roupa, dos modos e modas de o ser humano estar no mundo.

Este número 31 da revista **dObras** aborda justamente essa questão, mesmo considerada bastante abrangente no seu leque de dimensões e que, ao nos defrontarmos com ela cotidianamente, nos damos conta de que a resposta à pergunta “Com que roupa que eu

---

<sup>1</sup> Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP: FAFICLA - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica). Pós-Doutorada em Semiótica na E.H.E.S.S. com A. J. Greimas (1989-1991) e com E. Landowski (1992-1994). Codiretora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas-CPS. E-mail: [anaclaudiamei@hotmail.com](mailto:anaclaudiamei@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2458418074368433>

vou?” é dada por todo ser social que somos, pois nossa roupa nos projeta no mundo, no imbricamento que ela faz com o corpo que a veste – daí sua importância como *linguagem*, como presença, como simbolismo, como signos e/ou aquém e além dos signos, como figuras que tematizam identidade, subjetividade, alteridade, etc... Desde a tenra infância, aprendemos a refletir sobre o que está ao nosso alcance para nos construir a partir das opções do universo de nosso guarda-roupa, inclusive selecionando peças para enfrentar as intempéries (para o verão tropical ou para a neve); para transmitir imagens de *bom sujeito* (roupa de domingo ou para procurar emprego); para nos mostrar pertencentes a determinado gênero (*menino veste azul e menina veste rosa*) e mesmo a grupos sociais (os *descolados*, as *patricinhas*, os *nerds*, os *mais classe média*, os profissionais da área X, etc.), mas também para nos embelezar, entre outras diversas funções que são atribuídas à articulação corpo/roupa.

Dessas possibilidades todas, às quais nos moldamos culturalmente a partir da lógica estrutural das sociedades, cada um faz as suas combinações: das mais ordinárias aos inventos mais criativos; das voltadas para quem se quer *parecer ser* no social em relação aos que o entornam, ao grupo de pertencimento, às mais voltadas para o sentir-se confortável, à vontade; ou sentir-se *mais ou menos* adequado às convenções sociais para estar conforme elas ditam a aparência, ou para romper com tudo e todos e se arrumar inovadamente de acordo com o próprio aprazimento que orienta o sujeito. Essas são reflexões profundas e requerem de cada um operações paradigmáticas e sintagmáticas complexas a fim de que se chegue aos arranjos vestimentares que foram submetidos os ditames de valores que a moda alcançou em associação com as mídias, inclusive para aumentar a circulação da produção industrial vestimentar e assim mover a economia e os valores socioeconômicos-culturais. Com toda sobreposição de destinadores ao *eu* individual, o vestir-se transformou-se em um ato de dominação e imposição da moda, distanciando-se de uma atitude liberadora ao alcance de cada um para se fazer ser e construir seus sentidos no social, diferentemente de como já fora outrora.

Essa complexidade é a linha mestra deste número 31, voltado para os “*sentidos da roupa, sentidos da moda*”, que objetiva refletir sobre o vestir-se como um arranjo expressivo da maior relevância para o estar em sociedade. Na medida em que roupa e moda se imbricam nessa configuração e modos de presença da pessoa, pensamos realizar a vocação maior desta revista de ser de *moda mas não só* (*uma revista de moda mas não só, acadêmica mas nem tanto*), pois cabe alargar os horizontes para compreender como nos construímos pelo ato mesmo de nos trajar para desempenhar os papéis sociais na narrativa das narrativas que é o viver humano.

Apresentado este preâmbulo, passemos à organização dos textos que compõem este número que nos é tão caro: a proposta de entendimento de um recorte de práticas de se vestir foi exposta, como apresentada anteriormente, a estudiosos de tantas perspectivas distintas que, atendendo à chamada, inclusive mesmo algumas considerando o período em que vivemos, tomados pela pandemia do covid-19, que impõe a todos o isolamento social, o distanciamento do outro e a obrigatoriedade de proteger-se com o uso de máscaras, abraçaram a causa da proposta, bem como discutiram também questões relacionadas ao vestir-se nas diferentes culturas, em diferentes tempos, com propósitos diversos, publicados por mídias e

meios variáveis; são todas essas contribuições selecionadas voltadas a explorar os sentidos do corpo, da roupa, da moda e como esses entram no arranjo da aparência e da identidade – e como eles, conseqüentemente, tratam de cultura e de sociedade, de tempo, de espaço e de sujeitos.

Além disso, esses modos de construção de sentido dos sujeitos que são pensados e aprofundados em *corpus* de manifestações diversas, que vão de anúncios publicitários nos periódicos, programas televisivos, matérias trocadas nas redes sociais, arranjos de vitrinas de pontos de venda, do como estar na rua, em um tipo de atividade profissional ou da esfera privada, a modos de resistir e contestar ao que se impõe, proclamando *novos* posicionamentos pelos modos como a pessoa se veste ou veste a sua casa com o seu mobiliário – o que é também uma questão correlata aqui analisada, uma vez que os usos mostram o gosto e, concordamos todos, gosto se discute!

As abordagens predominantemente embasadas na semiótica de A. J. Greimas com os desdobramentos propostos por E. Landowski entram em diálogo com a perspectiva de outro semioticista, Y. Lotman, da semiologia de R. Barthes, e também com as de filósofos, sociólogos, comunicólogos e estudiosos do marketing, de diversas orientações. O debate entre perspectivas teóricas e metodológicas assim está também inserido nos variados recortes das fundamentações conceituais dos artigos com suas especificidades orientadoras. Além de ser apresentada ainda uma resenha da mais recente antologia de estudos da Moda lançada na Itália, em que a teoria semiótica e seu método são bastante aprofundados, os artigos deste número se complementam na sua diversidade com uma entrevista na qual se apresenta uma vasta bibliografia dos estudos brasileiros pós-graduados realizados no campo da Semiótica do Corpo e da Moda, que ilustra os desenvolvimentos alcançados na constituição desse campo de saber nas pesquisas realizadas no país, mas também por intermédio de cooperações internacionais.

O número 31 de **dObra[s]**, a primeira edição da Revista do ano 2021 que contou com a organização de Giulia Cerriani e Ana Claudia de Oliveira, encadeia o conjunto de artigos nas partes que seguem a este Editorial de apresentação: I. Roupa, corpo, moda nas construções de sentido; II. Moda, corpo e consumo na pandemia; III. Objetos, marcas e valores da moda no social; IV. Modas e modos. Gostos e estilos compartilhados; V. Resenha; VI. Entrevista e, para uma continuidade do que ainda cabe ao campo, o volume se encerra com um Posfácio que dá seguimento à reflexão de fundo da atualidade perscrutada na parte VII. “Oltre la moda”. Como um adendo, explicação ou advertência inserido no final do dossiê, esse é uma reflexão inserida quase no ponto final que não poderia deixar de considerar o que é a produção de conhecimento sobre a moda nos nossos vívidos anos de pandemia nos quais quem somos é revestido de resignificação. Como o que se deixa ver sob a trama dos fios, as questões de subjetividade e identidade atravessam assim inteiramente este número 31 de **dObra[s]**, o que é reforçado pelo ensaio fotográfico de Rogério Ortiz com a produção de Romero Souza que nos leva a adentrar o universo atual da renda e as práticas de um saber herdado de outras culturas que, em partes diversas do Brasil, se instalaram pelas correntes

imigratórias e, no hoje, nos transladam ao ontem em uma troca de saberes que se atualizam e se repropõem no gosto de estilistas contemporâneos e dos que se vestem com as novas figuratividades da renda configurando a sua expressão ao mundo por novos usos do velho. Promovida na auto reconstrução, a reinvenção põe-se assim ao alcance de arranjos e rearranjos de cada vivente que se repropõem como incitação de outros mais.

Aos leitores de **dObra[s]** asseveramos que a resposta à questão “com que roupa que eu vou?” continua com a leitura de vocês dessas abordagens e posicionamentos reunidos, mas cuja articulação não se esgota, muito pelo contrário, continua e continuará entre as perspectivas dos campos e de outros números e dossiês de **dObra[s]**, revista que muito colabora para mantê-los intercomunicantes e interdisciplinares. Esperamos a sua leitura viva para que ela continue debatendo nossa proposição com muitos novos diálogos.